



CURSO DE DESIGN DE MODA

SOGNARE
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE VESTIDOS DE NOIVAS

Betânia Bersch Delazeri

Lajeado, novembro de 2018

Betânia Bersch Delazeri

SOGNARE
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE VESTIDOS DE NOIVAS

Artigo apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para a obtenção do título de Tecnóloga em Design de Moda da Universidade do Vale do Taquari – Univates.

ORIENTADOR: Prof^o Me. Cristian Leandro Metz

Lajeado, novembro de 2018.

SOGNARE

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE VESTIDOS DE NOIVAS

Betânia Bersch Delazeri¹
Cristian Leandro Metz²

RESUMO: Ao longo da história, nas diferentes culturas, desde que se institucionalizou o casamento, o vestido da noiva é um dos destaques do ritual. As meninas, desde muito novas, são seduzidas pelos vestidos e inspiradas pelos mais diversos e diferentes modelos, sonhando com o dia em que o usarão. Este estudo tem a intenção de conhecer a história deste elemento presente nesta ocasião específica. Além disso, pretende-se perceber a evolução e as transformações desta peça, ao longo das décadas do século XX até os dias atuais. Posteriormente, a memória e a história dos seus vestidos são narradas por três mulheres de diferentes faixas etárias e por uma estilista com mais de quarenta anos de trajetória na confecção de vestidos de noivas. A metodologia do estudo baseia-se em revisão bibliográfica e documental para as questões históricas e na técnica de entrevistas não diretivas e semiestruturadas para o registro dos depoimentos, além de um diário de campo, como técnicas do método etnográfico. O resultado do estudo evidencia que fatores econômicos e sociais, o avanço tecnológico, entre outros influenciam a escolha do modelo de vestido a ser usado.

Palavras-chave: Vestido de Noiva. Memória. Transformações.

ABSTRACT: Throughout history, in different cultures, since the institutionalization of marriage, the wedding dress is one of the ritual's highlights. The girls, from very young, are seduced by the dresses and inspired by the most diverse and different models, dreaming about the day they will use them. This study intends to know the history of this element present in this specific occasion. Besides that, it is intended to perceive the evolution and transformations of this piece, throughout the decades of the twentieth century until nowadays. Posteriorly, the memory and history of their dresses are narrated by three women of different age ranges and by a fashion designer with more than forty years of experience in the making of wedding dresses. The methodology of the study is based on a bibliographical and documentary review, for the historical questions and in the technique of non-directive and semi-structured interviews for the recording of the testimonies, and also a field diary, as techniques of the ethnographic method. The result of the study shows that economic and social factors, the technological advance, among others, influence the choice of the dress model to be used.

Key-words: Wedding Dress. Memory. Transformations.

1. INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do curso superior de Tecnologia em Design de Moda Universidade do Vale do Taquari – Univates. betaniayazigi@gmail.com.

² Doutorando em Diversidade Cultural e Inclusão Social (FEEVALE). Mestre em Processos e Manifestações Culturais (FEEVALE, 2016). Bacharel em Moda (FEEVALE, 2013). cristian.metz@univates.br.

Desde tempos remotos, a partir de quando o casamento tornou-se, oficialmente, uma instituição, o vestido de noiva, para a maioria das noivas, de classes e culturas diversas, passou a ser o elemento de maior relevância na realização do evento. Talvez seja, por assim dizer, o começo da concretização do sonho de ser feliz. A escolha do vestido é uma tarefa prazerosa que envolve um misto de sentimentos: euforia, ansiedade, alegria, satisfação...

Dada a importância histórico-cultural do vestido de noiva, o presente artigo identifica as metamorfoses pelas quais esta peça passou, durante as décadas do século XX aos dias atuais, principalmente quando damos atenção às formas e estilos como se apresenta e que se modificaram, em função de situações políticas, do poder aquisitivo e da filosofia de vida de quem o usaria.

O objetivo geral deste estudo centra-se na compreensão destas metamorfoses sofridas pelos vestidos, em diferentes momentos históricos e culturais. Para alcançarmos esta compreensão, foram realizadas entrevistas com mulheres que se casaram em diferentes décadas do século XX e que rememoraram sua história de vida e as histórias a respeito dos seus vestidos de noiva. Além dessas memórias, outro tópico importante do artigo é o depoimento de uma estilista especializada em vestidos de noiva, que trabalha no ramo há mais de quarenta anos. Ela demonstra orgulho e realização pessoal com seu trabalho e salienta a satisfação em ajudar a tornar reais os sonhos das pessoas.

Para reconstruir a memória das parceiras de pesquisa, utilizou-se da técnica de entrevistas não diretivas e semiestruturadas (THIOLLENT, 1981); segundo Metz (2016, p. 30) “essa técnica de entrevista é conceituada como um procedimento aplicado a partir de um pequeno número de perguntas, guiadas por um roteiro de entrevista elaborado previamente e que direciona a conversa”. Além da técnica de entrevistas, utilizou-se da pesquisa bibliográfica (GIL, 2008) que é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos e a pesquisa de internet que consiste em sistemas de busca e *softwares* desenvolvidos para prover a localização de informações na web (YAMAOKA, 2015).

Lado a lado ao sonho das mulheres que desejam casar-se usando um belo vestido, caminha a classe social em que estão inseridas, sua situação financeira e, também, sua individualidade. Escolher o vestido de noiva continua sendo um dos momentos mais importantes e prazerosos na vida de muitas mulheres, o que justifica a escolha deste tema para

a realização desta pesquisa. Neste sentido, o trabalho aborda, no primeiro capítulo, a origem do vestido de noiva e a utilização da cor branca para este rito de passagem para, posteriormente, identificar as transformações (principalmente em relação aos modelos) que esta peça sofre. Por fim, são narradas as memórias de três mulheres sobre este momento especial em suas vidas e as memórias de uma estilista, que transforma este sonho em realidade.

2. UMA BREVE HISTÓRIA DO VESTIDO DE NOIVA – O USO DO BRANCO

Do ponto de vista de Worsley (2010), o casamento é tradicionalmente conhecido como um ritual onde a mulher passa por uma transição do papel de filha para o papel de esposa; caracteriza o direito de formar uma família em que as mulheres casavam virgens e com o casamento se tornavam adultas. Ele ainda aponta que:

No passado, era um ritual importante para as mulheres, que passavam a ser vistas com mais respeito na comunidade e adquiriam status. Historicamente, o casamento foi por muito tempo fruto do acordo financeiro entre duas famílias. Hoje, no Ocidente, é fruto da paixão de duas pessoas que geralmente não são mais virgens. (WORSLEY, 2010, p. 206)

Para Mitidieri (2008 apud Winter, 2016), o vestido de noiva surgiu com a função de mostrar para o povo os bens que a família da noiva possuía. “Muito provavelmente, o vestido de noiva será a roupa mais cara que uma mulher irá vestir na vida” (WORSLEY 2010, p. 12). Há diferentes relatos sobre o uso do vestido branco de noiva: alguns dizem que a rainha Mary Stuart (figura 1), da Escócia, foi a primeira a usar o branco no século XVI; outros dizem que no casamento da rainha Maria de Médici (figura 1), da França, (século XVII), a vestimenta usada para a ocasião era de cor branca com detalhes dourados (VENTURA, 2016).

Figura 1 - Imagens do casamento de Mary Stuart (séc. XVI) e Maria de Médici (séc. XVII)



Fonte: História do vestido de noiva, 2016

Mitidieri (2008 apud Winter, 2016) aponta que, por volta de 1840, quando a rainha Vitória da Inglaterra casou-se com seu primo Albert, usou um vestido branco que fez com que muitas noivas seguissem seu exemplo. Assim, a rainha mudou uma tradição de anos, que Worsley (2010) aponta como um privilégio para poucos já que, tradicionalmente, os vestidos para as noivas usados na época, eram os melhores que já possuíam, independente da cor. Worsley acrescenta que:

Ao escolher o branco, como a cor para seu vestido de casamento, a rainha da Inglaterra quebrou a tradição real, que anteriormente, era a cor prata. Isto fez com que todas as moças que podiam pagar por um traje de noiva, também fizessem a mesma escolha (WORSLEY, 2010).

Ventura (2016, texto digital) afirma que a rainha “envergou um modelo de cetim branco debruado com flores de laranjeira. A partir daí, o branco passou a ser ícone de pureza das noivas.”

No episódio “Weddings” (casamentos) do documentário “The Royals” (2013), que trata dos usos e costumes da monarquia Britânica, historiadores e pesquisadores tratam especificamente sobre este rito de passagem. Informam que houve uma época em que os casamentos reais eram assunto particular e não um evento público. De acordo com a historiadora Lisa Hilton (2013), foi a Rainha Vitória, em 1840, que endossou o casamento real com ares de evento como conhecemos hoje: “Ela queria um casamento grandioso e público, e que a imprensa estivesse envolvida em todos os estágios”. Hilton (2013) ainda afirma que a cor do vestido da Rainha Vitória quebrou mais uma tradição e, sobre isso, a editora de moda da revista “*Grazia*”, Katherine Ormerod (2013) informa que a rainha usou um simples vestido branco, inaugurando uma nova maneira de casar, pois isso não era uma tradição no século 19. Ainda nesse episódio, a editora e fundadora do site “*libertylondongirl.com*”, Sasha Wilkins (2013) aponta que, antes de Vitória, para enfatizar o *status* de nobreza, as noivas da realeza usavam vestidos com tecidos dourados. A historiadora Tracy Borman (2013) complementa que “Vitória usou branco porque queria ser facilmente vista pelas pessoas que saíam às ruas. E então o branco se tornou o branco de todas as noivas. Não só as da realeza”. Por fim, o historiador de moda da realeza, James Sherwood (2013), acrescenta que:

O vestido da rainha Vitória foi um vestido de baile feito de cetim *duchese*³ marfim e com os ombros de fora, Essa é a definição de um traje de baile: com os ombros a mostra e o cabelo preso, para poder mostrar melhor as belas joias. E todos os vestidos de noiva da realeza desde então, foram vestidos de baile (SHERWOOD, apud THE ROYALS, 2013).

³ Com um excelente caimento, alta qualidade e brilho intenso, geralmente em seda, acetato ou poliéster é destinado à Alta Costura e muito utilizado em vestidos de noivas.

Figura 2 - Vestido de casamento da Rainha Vitória com o Príncipe Albert



Fonte: pinknest.in

Worsley (2010) afirma que a cor branca nas vestimentas, antes da era Vitoriana, era atribuída apenas às classes mais altas pelo fato de sujarem facilmente e por ter uma manutenção cara.

3. AS NOIVAS DE CADA DÉCADA – AS TRANSFORMAÇÕES DOS VESTIDOS DOS ANOS 20 AOS DIAS ATUAIS

A escolha do vestido de noiva é uma etapa muito importante para a mulher que vai casar e, geralmente, a moda e os costumes de cada época influenciam neste momento de escolha. Com o decorrer das décadas, o vestido de noiva passou por diversas mudanças, indo de modelos com saias volumosas a cortes retos e cinturados, de modelos curtos aos longos, com mangas bufantes ou sem mangas, e até mesmo perdendo a característica de vestido no momento em que terninhos já foram usados, por mulheres, nesta ocasião (ANTENA YES, 2016, texto digital).

Segundo Mahawasala (2015, texto digital), nos anos 20, o vestido de noiva apresentava as características minimalistas da moda do pós-guerra: a silhueta era reta, porém com bordados e pedrarias no estilo *Art Déco*⁴, complementado por véu longo e flores, que

⁴ O termo *Art Déco* é de origem francesa que refere-se a um estilo artístico de âmbito internacional mas que tem sua origem na Europa no começo do século XX, porém seu apogeu se deu na década de 20. Este estilo se

continuavam em alta. Worsley (2010, p.52) afirma que “algumas das noivas mais bem vestidas dos anos 20 rejeitaram vestidos de Cinderela em nome de opções minimalistas” e complementa que

A ambiciosa Coco Chanel inaugurou, na próspera década de 1920, um look mais despojado - e inspirado em roupas masculinas – para as mulheres, com cortes de cabelo curtos e vestidos que ignoravam os quadris. (...) Chanel introduziu, corajosamente vestidos de noiva simples com cauda; em relação à cor, mostrou que o branco não era a única opção. Assim, as mulheres passaram a se dirigir para o altar em vestidos sem manga, em tons marfim, com cintura mais baixa, saia acima das canelas e grinalda de cetim, cristais, canutilhos e pérolas. (WORSLEY, 2010, p. 52)

Figura 3 - vestido dos anos 20 por Coco Chanel



Fonte: revistaglamour.globo.com

A década de 30 marca o retorno da valorização da silhueta feminina com modelos de vestidos simples e mangas longas (ANTENA YES, 2016 texto digital). Do ponto de vista de Mahawasala (2015, texto digital), na década de 30, o corpo da mulher volta a ser valorizado com vestidos mais ajustados na cintura; as mangas compridas tornaram-se muito populares na época e os decotes eram praticamente inexistentes. Ainda sobre os vestidos de noiva dos anos 30, Worsley (2010, p. 83) declara que “para deixar a silhueta mais alongada, eram compridos, com caudas que se arrastavam pelo chão; podiam também ser usados com véus e faixas na

afirmou nas artes visuais, nas artes aplicadas (design de interiores, mobiliário, etc.), no desenho industrial, na moda, no cinema e especialmente na arquitetura onde teve uma presença marcante.

cintura, deixando as noivas deslumbrantes”. Os elementos presentes nos vestidos desta década podem ser vistos na figura 4.

Figura 4 - Vestido de noiva dos anos 30



Fonte: antenayes.com

Segundo Mahawasala (2015, texto digital), por consequência da guerra, a crise fez com que os vestidos de noiva da década de 40 fossem produzidos com pouco tecido e com cortes mais simples. “Nessa década ficou bastante popular também o uso de *tailleur*⁵ nos casamentos por conta das dificuldades financeiras” (MAHAWASALA, 2015, texto digital). Worsley (2010, p.52) explica que, por conta da Segunda Guerra, as noivas dos anos 40 “adotaram um estilo mais sóbrio, pois ostentar um modelo luxuoso era visto como antipatriótico.” Ainda sobre esse assunto, ele declara que

As rendas e os enchimentos não foram restringidos e se tornaram úteis na confecção dos vestidos; alguns usavam até mesmo seda de paraquedas, quando achavam o tecido. Tudo era feito com muita pressa, para aproveitar o momento em que o marido passava pelo país (WORSLEY, 2010, p.55).

5 Traje feminino composto de casaco e saia; costume (PRIBERAM, 2018).

Figura 5 - Vestido de casamento dos anos 40.



Fonte: antenayes.com

De acordo com o site Mulher Singular (2010), o final da guerra trouxe também o fim do racionamento de tecidos; sendo assim, a mulher do pós-guerra volta a ser mais elegante e traz de volta o toque feminino aos vestidos de noiva; com o lançamento do *New Look*⁶ em 1947, por Christian Dior, a escassez de matéria prima que predominou no período da segunda guerra dá lugar ao uso excessivo de tecido para a confecção de uma única peça, e isso se reflete também nos vestidos de noiva.

Um ícone de beleza que casou na década de 1950 é a atriz Grace Kelly (figura 6). Aos 26 anos, Grace abandonou a promissora carreira de atriz, que durou 6 anos, para casar-se com o Príncipe Rainier Grimaldi de Mônaco e, assim, tornou-se Princesa de Mônaco (SANTOS, 2016, texto digital).

Percebe-se, a partir do relato de Robinson (2014), que o estilo *New Look* está presente no vestido de casamento de Grace Kelly pela quantidade de tecido utilizado para confeccionar o seu vestido:

Resultado de seis semanas de trabalho de uma equipe formada por três dúzias de costureiras, o vestido em estilo renascentista real havia consumido 23 metros de tafetá, 23 metros de tafetá de seda, 91 metros de tule e 274 metros de renda valenciana (ROBINSON, 2014, p.91).

⁶ Um estilo revolucionário, criado por Christian Dior, que surgiu após a Segunda Guerra Mundial que fez ressurgir uma mulher mais feminina e sensual para destacar a silhueta de forma elegante. (CUNHA, 2016).

O vestido possuía abotoamento frontal em um corpete de renda, de mangas longas, que foi rebordado para esconder as costuras. Embaixo deste corpete havia um sub- corpete, de seda e bem ajustado. A sobressaia era em formato de sino, lisa na frente e com volume na parte de trás, feito a partir de pregas na cintura. A saia de baixo era composta por três camadas de crepe de tafetá. O vestido tinha, também, uma cauda de mais de três metros de comprimento (ROBINSON, 2014).

Figura 6 - Vestido da atriz Grace Kelly na ocasião do seu casamento



Fonte: sitedamulher.com

Segundo Worsley (2010), já nos anos 60 os vestidos ornamentados não eram mais moda. Ele aponta que os vestidos de noiva eram “quase como batas, com o mínimo de costura, mangas em forma de sino e corpetes que viravam saias, sem cintura demarcada”. Mahawasala (2015, texto digital) complementa que os vestidos de noiva da década de 60 saíram do padrão e muitas mulheres livraram-se dos vestidos longos. Era possível comprar vestidos prontos, eles seguiam cortes geométricos, sem muitos babados e bordados e eram encontrados nas versões mini e tubinho⁷. Ainda sobre os anos 60, Hammes (2016, texto digital), declara que o *Rock’n Roll* também foi de grande influência; esse estilo musical estava despontando no mundo, ditando moda até na hora da escolha do vestido de noiva. Outro ícone revolucionário

⁷ Mini e tubinho: Minissaia é qualquer saia com mais de 10cm acima do joelho e o exemplo mais comum de vestido tubinho é sem alças, ajustado ao corpo (STALDER, 2009).

que surgiu na década de 60 e que foi aderido pelas noivas foi a minissaia (HAMMES, 2016, texto digital).

Figura 7 - Noiva dos anos 60



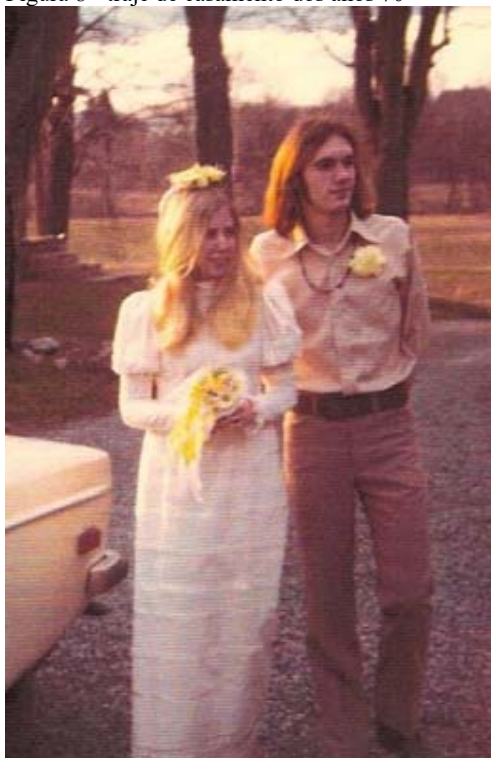
Fonte: universoretro.com

Nos anos 70 o movimento *Hippie*⁸ estava em alta: “vestidos artesanais tinham a natureza e, conseqüentemente, a liberdade como símbolo. As noivas dessa época apostavam em uma relação baseada na colaboração e igualdade entre os sexos” (HAMMES, 2016, texto digital). Em relação a essa década, Worsley (2010) afirma que as noivas da década de 70 voltam a optar por modelos volumosos e nostálgicos;

a década de 1970 presenciou uma nova fluidez nos vestidos depois do “visual bata” da década anterior. Babados soltos, faixas, rendas e outras referências históricas do período romântico vitoriano voltaram a ser usados em trajes de noiva (WORSLEY, 2010, p.134).

⁸ Foi um comportamento coletivo de contracultura, iniciado por jovens americanos na década de 1960. Caracterizou-se pela anarquia não violenta e politicamente ativa contra a guerra, pela preocupação pelo meio-ambiente e a total rejeição dos valores tradicionais da sociedade da classe média e do materialismo ocidental (CRUZ, 2017).

Figura 8 - traje de casamento dos anos 70



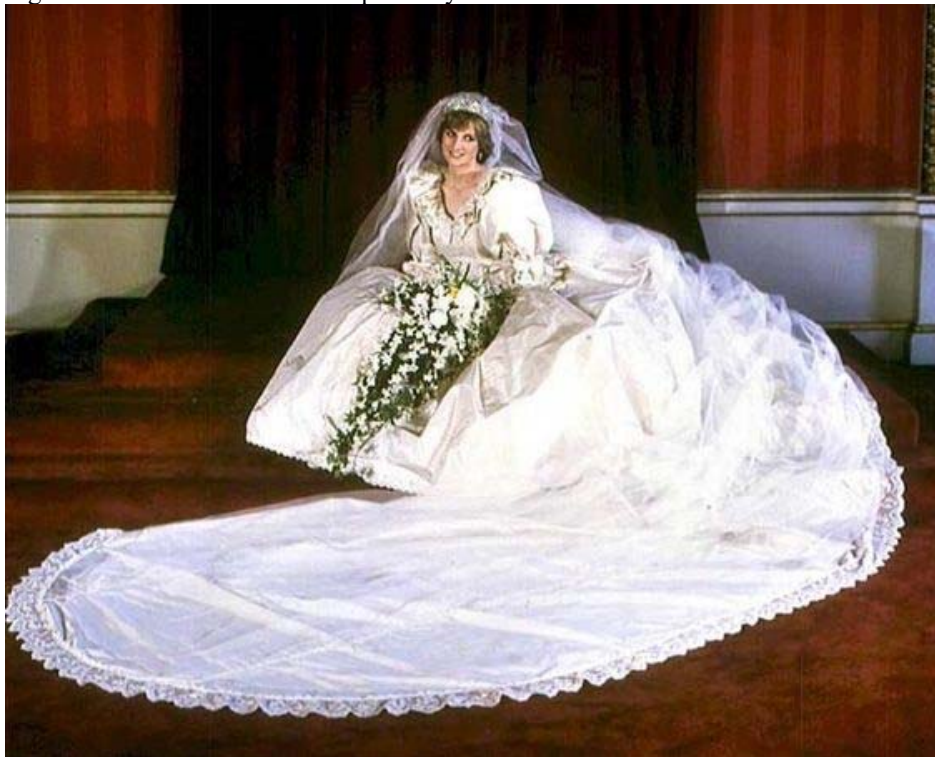
Fonte: universoretro.com

A década de 1980 ficou conhecida pelo exagero; as noivas queriam babados, saias volumosas, mangas bufantes, corpetes, armações. “O vestido destacava os quadris e seios, sugerindo fertilidade, amor e lar – e não independência”, (WORSLEY, 2010, p.16). Exemplo clássico deste tipo de vestido da década de 80, foi aquele usado pela Princesa Diana (figura 9). “Com mangas bufantes, cauda gigante e saia volumosa a peça marcou época e entrou para a história”. (HAMMES, 2016, texto digital). De acordo com o episódio “Weddings”, do documentário “The Royals”, o vestido de Diana tinha uma cauda de renda de 7,5 metros e 10 mil paetês de madre pérola. Ormerod (2013) afirma que a grandeza da década de 80 certamente influenciou Diana na hora da escolha do vestido: “Era a moda da época: mangas bufantes, brincos e colares grandes, cabelo armado, etc” (ORMEROD, 2013, The Royals). Ainda sobre o vestido, o documentário refere que:

O vestido de Diana parecia uma explosão de uma fábrica de suspiros, com aquela cauda enorme, cobrindo a nave da Catedral St.Paul. Era uma declaração de poder, realeza e virgindade com todo aquele branco (WILKINS, 2013, The Royals).

Hilton (2013) acrescenta: “Foi como se as mulheres do mundo inteiro pudessem projetar suas fantasias de ser a noiva perfeita na pessoa da Princesa Diana”.

Figura 9 - Vestido icônico usado por Lady Diana na década de 1980



Fonte: Pinterest.com (2018)

Segundo Worsley (2010, p.55), a década de 1990 deixa de lado o exagero e dá lugar a uma simplicidade luxuosa. Os estilistas apostavam em vestidos mais discretos, com menos volume, mas sempre na cor branca. De acordo com Lisboa (2015), os anos 90 trazem um novo minimalismo. Ela refere que:

Em contrapartida a década anterior, os anos 90 buscaram a sobriedade das modelagens mais simples. As releituras de vestidos clássicos também se tornaram comuns mas com uma nova dose de menos é mais (LISBOA, 2015, texto digital).

Figura 10 - Trajes de noiva dos anos 90



Fonte: inesquecivelpcasamento.com

Os anos 2000 trazem a fase das experiências: os estilistas abusam da criatividade e unem as diferentes tendências apresentadas ao longo da história, trazendo sempre um toque de modernidade. O “tomara que caia” tornou-se um dos decotes mais desejados pelas noivas. Vestidos com volumes também voltam a ser tendência e até mesmo um toque de cor é desejado por algumas mulheres (LISBOA, 2015, texto digital).

Uma noiva ícone dos anos atuais foi Kate Middleton, que casou-se em 2011 com o príncipe William, da Inglaterra.

A expectativa era que Kate usasse um vestido inspirado no modelo cheio e com mangas bufantes da Princesa Diana, mas ela optou por um modelo mais simples, porém muito elegante, com referência no vestido usado nos anos 50 pela estrela de Hollywood, Grace Kelly (BUSKO, 2011).

O vestido de noiva de Kate foi confeccionado em organza de seda marfim, com mangas compridas, corpete com decote em formato de coração (que foi coberto por rendas inglesas e francesas trabalhadas à mão); a saia de tafetá deixava a cintura bem marcada e abria levemente nos quadris. Para manter os bordados impecáveis e firmes, as mãos das bordadeiras precisavam ser lavadas a cada 30 minutos e as agulhas trocadas a cada 3 horas. (BUSKO, 2011, texto digital).

Figura 11 - Vestido de noiva de Kate Middleton



Fonte: dicasdemulher.com

Worsley (2010) aponta que, nos dias atuais, as mulheres conquistaram a liberdade de escolha do seu vestido de noiva: “qualquer pessoa pode comprar véus e vestidos pela internet, e até as noivas mais despojadas podem ficar parecidas com uma princesa” (WORSLEY, 2010, p.13).

Lisboa (2015) ainda informa que atualmente, para a escolha do vestido ideal, o que prevalece é a personalidade. São muitas opções, sendo assim, a ordem é que o vestido revele suas preferências e seu estilo.

4. HISTÓRIAS DE SONHOS E DE CASAMENTOS – A MEMÓRIA NARRADA POR MULHERES SOBRE ESTE MOMENTO MÁGICO

As informações que aparecem nesta parte do trabalho são o resultado de relatos de mulheres da região do Vale do Taquari/RS e reconstroem a memória de quando se casaram. Elas nos contam das suas histórias de vida, família e, principalmente, sobre a história de seus vestidos de noiva. Estes depoimentos, repletos de emoção e saudosismo, trazem à tona memórias e experiências vividas por essas mulheres e aparecem no decorrer do texto como citações. Trago, também, as informações presentes no diário de campo, as quais aparecem grafadas em *italico*, em forma de citações (longas ou curtas) durante o texto.

Na primeira parte do meu diário de campo, conto um pouco sobre a conversa que tive com Dona Esaira Zanatta Gasparoto (81), mulher que casou na década de 50 e que se disponibilizou a contar um pouco sobre a sua história e sobre o seu vestido de casamento:

Cheguei à casa da Dona Esaira por volta das 19h45min do dia 27 de agosto. Ela estava tirando a mesa do jantar e, ao me ver, já quis colocar mais um prato na mesa para que eu provasse a galinhada que ela havia preparado. Eu agradei! (Trecho extraído do diário de campo do dia 28/08/2018).

Figura 12 - Senhora Esaira Zanatta Gasparoto



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018)

Encaminhamo-nos para uma sala mais reservada para começar a conversa e Dona Esaira parecia animada. Pedi a ela que me contasse um pouco sobre a sua vida. Ela começa contando que nasceu em Jacarezinho, localidade de Nova Bréscia/RS; é filha de colonos que tiveram, junto com ela, doze filhos. Morou com os pais até os 18 anos quando foi pedida em casamento por Elígio Gasparoto. “Conheci o Elígio em um Baile em Capitão”. Questionada se houve e como foi o pedido de casamento, ela respondeu rapidamente: “teve, teve sim! É que ele precisava pedir pra mim e pros meus pais, porque ele queria noivar e naquela época era um ritual, assim, né!”

Esaira e Elígio casaram dia 1 de outubro de 1955. Foram morar em Linha Marinheira, que hoje pertence ao município de Capitão (interior do RS) e tiveram três filhos. Estão casados até hoje e moram em Arroio do Meio com uma de suas filhas.

Questionada sobre como escolheu seu vestido de noiva, Dona Esaira informa: “Eu fui na costureira lá na cidade, ela tinha umas revistas e aí a gente escolhia lá o modelo: as mangas, a saia, a gola...” e, questionada, ainda, sobre a compra do tecido para a confecção do vestido, traz à lembrança de que:

Era o marido que comprava o tecido para a noiva... comprava em Encantado, mas eu não lembro o nome da casa. A costureira tirava as medidas e depois fazia o vestido. O meu vestido era de Tafetá eu acho... acho que é esse o nome. Era branco puxado para “begezinho”. Ele tinha uma golinha em cima e manga comprida. E o Elígio também me deu os acessórios, as bijuterias *pra* usar no dia do casamento (Trecho da entrevista de Dona Esaira, em 27/08/2018, informação verbal).

Dona Esaira informa, ainda, que escolheu o modelo do vestido vinte dias antes do casamento. Questionada sobre este tempo, ela riu e disse: “Sim, a costureira fazia! Ele (o vestido) não era cheio de coisas como os vestidos de hoje em dia”. O vestido foi usado somente naquela ocasião, ficando guardado por algum tempo... “depois eu separei a blusa da saia e pinteí a saia de preto, *pra* usar a saia só” complementa a informante.

Dona Esaira conta que o casamento foi só na igreja e que não teve festa:

Foi assim: naquela época tinha o Castoldi (Angelim Castoldi, amigo de Esaira e Elígio), que tinha uma Rural⁹, sabe? Tipo uma Kombi, né. E daí nós fomos de Rural *pra* igreja, nós e as testemunhas e fizemos o casamento só nós! E por causa dessa história de não fazer festa, começaram a dizer que eu estava grávida e, naquela época, era um terror engravidar antes do casamento. Mas eu não *tava*!

Por fim, ela conta que foram buscar o vestido um dia antes do casamento: “chovia muito, e nós íamos a cavalo buscar o vestido! E não tinha aqueles plásticos *pra* colocar o vestido dentro como hoje, *pra* não molhar”. Dona Esaira informa, também, que o buquê foi feito por outra mulher: “não era de flores naturais. Eram rosas de cetim branco e botões de tule, elas foram feitas a mão, com tecido. Ele foi colocado numa lata para ser levado a cavalo, mas como estava chovendo e úmido, ele ficou manchadinho de ferrugem nas pontas”.

Agradei a atenção e disponibilidade da Dona Esaira, que me convidou para tomar um chimarrão. Mas como já era tarde, agradei novamente e me despedi. (Trecho extraído do diário de campo do dia 28/08/2018).

⁹ Lançado nos Estados Unidos em 1946 com o nome de *Jeep Station Wagon*, foi o primeiro veículo do tipo com carroceria toda em metal, em contrapartida às carrocerias de madeira, então comuns (ARKUH, 2017).

Figura 13 - Esaira e Elígio em seu casamento



Fonte: acervo da interlocutora (2018)

A segunda entrevistada foi a senhora Rosane Teresinha Bianchini, atualmente com 52 anos, que casou-se no ano de 1990.

Por volta das 20h30min do dia 4 de setembro, cheguei à casa da Rosane e ela me recebeu muito alegre, parecia estar contente com a entrevista. Ela me convidou para ir até a sala, para termos mais conforto durante a conversa. Sua filha Délis esteve presente durante a entrevista. (Trecho extraído do diário de campo do dia 4 de setembro de 2018).

Figura 14 - Rosane Teresinha Bianchini



Fonte: acervo pessoal da autora (2018)

Antes de falarmos sobre o vestido de noiva, questionei Rosane sobre a sua vida. Ela conta que nasceu em Lajeado/RS, no bairro Olarias. Rosane tem um irmão, morou com os pais até os 24 anos, idade com que se casou com Nédio Bianchini. Questionada sobre como conheceu seu marido e sobre o pedido de casamento, Rosane responde sorridente:

Trabalhávamos na mesma empresa, na Indústria de Balas Florestal. Não teve aquele pedido formal de casamento. Mas de namoro até que teve! Nós construímos casa primeiro e depois tinha que juntar dinheiro pra fazer a festa do casamento, né! (Trecho da entrevista com Rosane, em 04/09/2018, informação verbal).

Rosane e Nédio casaram dia 12 de maio de 1990 e construíram sua casa no bairro Olarias, tiveram dois filhos e atualmente moram no centro de Lajeado/RS.

Pedi à Rosane que me dissesse o que estava em alta nos vestidos de noiva no ano em que se casou e ela respondeu, sem pensar muito, que “as mangas tinham que ser bufantes”. Questionada sobre a história e como era o seu vestido de noiva, Rosane conta:

As mangas do meu vestido eram bem bufantes, eu não usei véu, não lembro se as outras noivas usavam. Eu era muito amiga do meu cabeleireiro e ele sugeriu que eu usasse só rosas no cabelo. O meu vestido foi a Judite¹⁰ que desenhou. Eu só pedi que tivesse uma capa na saia, porque minha costureira sugeriu. Era um vestido bem justo na cintura e com a saia bem armada, o tecido eu comprei nas lojas Hüffner, depois que a Judite fez o desenho e daí levei na costureira, o tecido e o desenho. Eu ajudei a bordar meu vestido. Nós recortamos rendas e aplicamos no vestido, depois bordamos com lantejoulas e essas coisas. Eu levava a renda pra casa pra recortar, até as vizinhas ajudaram a bordar! (Trecho da entrevista com Rosane, em 04/09/2018).

¹⁰ Estilista da região (Nota da Autora).

Figura 15 - Imagem do casamento de Rosane e Nédio



Fonte: acervo pessoal da interlocutora (2018)

A terceira interlocutora foi localizada na cidade de Arroio do Meio/RS e é a senhora Margarete Palaoro Schmidt, atualmente com 66 anos e que conta que seu sonho era de ter o seu vestido produzido pela sua mãe, de maneira artesanal. Questionada sobre a história do seu vestido de noiva, Margarete contou que ele foi feito por sua mãe, Elsa Toldo Palaoro, que se formou no curso London Paris de costura e bordado em Porto Alegre.

Figura 16 - Margarete Palaoro Schmidt e o momento do seu casamento



Fonte: Acervo pessoal da interlocutora (2018)

A história do meu vestido de noiva é simples, mas linda. A minha mãe era costureira de mão cheia, ela fez o vestido de quatro das cinco filhas e o meu foi o segundo, mas cada uma tinha seu estilo bem diferente. Eu acho que fui a única que tinha que ter o vestido esvoaçante; o das outras era mais justo. O mais engraçado foi que em maio nunca era frio, mas naquele ano foi o mês mais gelado e a mãe fazia os vestidos na nossa casa, que era de madeira. Ela me avisava que o vestido estava pronto *pra* prova mas eu não conseguia provar porque era realmente muito frio. Eu sabia que ela conhecia minhas medidas então eu não me preocupava muito. Por fim, depois de adiar muito, provei o vestido seis dias antes do casamento e pasmem: serviu perfeitamente, não precisou de nenhum ajuste! O vestido era simples, mas lindo! A minha aia¹¹ usou um igual. Ele foi feito com tecido de cortina, que a mãe comprou nas Americanas em Lajeado, porque não tínhamos condições de comprar outro. Ele era de mangas longas que eram *pra* ser transparentes, mas devido ao frio, tivemos que forrar. A parte de cima era bem justa e cheia de tramas, a saia era composta por duas camadas de tecido plissado, que a mãe plissava manualmente com um molde. Nas fotos não dá *pra* ver o plissado, porque acho que as câmeras eram ruins na época, mas ficou ótimo, estava em alta e todas as mulheres adoraram. Por baixo, usei uma saia de armação. Mas e o sapato então?! Nós não tínhamos condições de comprar um sapato “chique”, então eu comprei um *scarpin*¹² bem simples e um *spray* na cor prata e pinte! (Trecho da entrevista com Margarete Schmidt, em 22/10/2018).

Margarete guarda até hoje o molde que a mãe usou para plissar o tecido do seu vestido. Conserva com muito cuidado e carinho, conforme a figura a seguir.

Figura 17 - Forma de plissado utilizada para confeccionar o vestido de Margarete Palaoro Schmidt na década de 70



Fonte: Coletada pela Autora (2018)

Conversamos um pouco sobre a história de vida dela: Margarete é a segunda filha, numa família de nove irmãos. Nasceu em Passo Fundo/RS, mas viveu sua infância e

¹¹ Criança responsável por levar as alianças até o altar (Nota da autora).

¹² É o modelo de calçado todo fechado que deixa apenas o peito do pé à mostra, cobrindo os dedos e o calcanhar. Sempre com salto alto, que deve ter no mínimo 4 centímetros. Normalmente possui bico fino, mas também podemos encontrar modelos com bico quadrado ou arredondado, assim como o salto, que pode ser fino ou grosso (CONSTANCE, 2016).

adolescência praticamente toda em Nova Bréscia/RS. Aos 13 anos, Margarete foi estudar em um convento, para ser religiosa. Logo foi mandada embora por ser muito nova: “Disseram que era pra eu ir pra casa pensar um pouco e voltar mais tarde, e nesse tempo eu conheci um namorado e descobri que eu gostava de namorar”, relembra. Depois que saiu do convento, Margarete e a família mudaram-se para Arroio do Meio/RS onde vivem até hoje.

Aos 18 anos, Margarete começou a namorar Heitor Schmidt, com quem é casada até hoje. Questionada sobre como começou a história do namoro, ela aponta que:

Era como se fosse uma disputa de amigos. Todos os amigos resolveram gostar da mesma menina: Eu! Eles me chamavam de “gringinha”. Eles me escreviam muitos bilhetes, cada um tentando dar um jeito e o Heitor era o mais quieto, na dele, mas um dia ele me mandou um bilhete me desaforando, porque eu só dava bola para os outros. Descobri que ele estava gostando de mim e comecei a prestar atenção nele e vi uma pessoa muito inteligente, querida e calma, onde eu encontrei meu equilíbrio, porque ele é meu inverso (Trecho da entrevista com Margarete, em 15/10/2018).

Margarete foi pedida em casamento durante um jantar de noivado surpresa que ela e Heitor prepararam para seus pais. Eles casaram no ano de 1977 e, segundo ela, são “muito apaixonados até hoje”. Ela contou que até o último dia de solteira, “dava o salário todo para a mãe, para ajudar nas despesas da família, que era muito simples. Depois quando eu casei, eu e o Heitor compramos as coisas para a casa lá nas lojas Barden, onde pagamos em doze vezes”.

O primeiro emprego da Margarete foi num mercado, “o primeiro mercado grande da cidade”; depois ela passou em concursos e virou bancária. Atualmente é aposentada, tem uma loja e faz alguns trabalhos voluntários. Ela e Heitor têm três filhos e três netos.

Após os depoimentos contando a história de noivas e seus vestidos, esta parte do trabalho apresenta uma entrevista com alguém que transforma em realidade o sonho de muitas noivas. Solaine Piccoli é estilista de noivas e especialista em vestidos e acessórios para noivas há mais de 40 anos. Solaine nasceu em Canela e tem nove irmãos: três mulheres e seis homens. Ela e suas três irmãs são estilistas de noiva.

Cheguei no ateliê da Solaine por volta das 14h do dia 5 de setembro. Ela estava recebendo uma turma da Uniritter, para uma visita técnica, o que já me ajudou a conhecer muito do seu trabalho. Foi gratificante estar conversando com uma especialista em noivas, que está há mais de 40 anos nesse ramo. Durante a conversa com a turma, ela tirou várias dúvidas e também contou um pouco sobre a sua trajetória. Assim que a turma se despediu, pedi mais 15 minutos de sua atenção para uma breve conversa (Trecho extraído do diário de campo do dia 06/09/2018).

Figura 18 - Solaine Piccoli e a autora do trabalho



Fonte: Coletado pela autora (2018)

Solaine conta que deve tudo o que sabe à sua mãe: “ela que me incentivou. Eu vi o amor que ela e a minha vó tinham pelo trabalho manual. Desde que eu tinha três, quatro anos eu lembro delas costurando”, informa. Sempre fascinada por costura, agulhas e linhas, sua mãe também fazia vestidos de noiva e, além de despertar este desejo nela, despertou-o em três de suas filhas, que também são estilistas. Atualmente, Solaine mora em Gravataí, mas tem atelier em Porto Alegre, São Paulo e em Viena (Áustria).

Questionada sobre como foi o seu vestido de noiva, Solaine conta:

Eu fiz três vestidos *pra* mim. Porque eu fiz o primeiro e não gostei... depois o segundo, também não gostei e aí eu fiz o terceiro. Porque assim, o meu sonho era casar com o vestido igual ao da Julieta, que eu tinha visto no filme. Mas eu não tinha referência pra fazer. Não tinha revista, não tinha como eu saber como ele era *pra* fazer igual, e eu não tinha como ir no cinema de novo. Então eu fiz como eu lembrava. Queria fazer ele lilás, com flores roxas no cabelo e na grinalda, mas naquela época não tinha esse lilás lindo que tem hoje, era um lilás de cemitério, *roxeadado*, muito feio e daí eu disse: “não, não quero mais”. Mas as flores eu continuava amando. Fiz violetas, começava do rosé, passava pelo lilás até chegar no roxo. Então o meu buquê e a grinalda eu amei, aquilo eu não abri mão, só que o vestido roxo ficou medonho, daí eu fiz um branco e também não gostei. Então eu fiz uma saia plissada, comprei uma organza de seda pura e mandei plissar e fiz uma blusa de organdi¹³ suíço, com bordado, tinha uma manga bem caída, longa, toda com as florzinhas roxas. Ficou bem parecido com o da Julieta, como eu imaginava. Daí eu amei. E naquela época isso era uma coisa bem diferente, porque tudo era muito branco (Trecho da entrevista com Solaine Piccoli, em 05/09/2018).

13 Tecido leve semelhante a musseline, com acabamento engomado.

Perguntada sobre quais foram as principais transformações que ocorreram com o passar dos anos, no primeiro contato com as noivas, para a escolha do vestido, ela informa que sempre trabalhou da mesma forma, desde o início: “sempre fui eu que escolhi o vestido. Eu converso com a noiva, vejo as referências e entendo o estilo dela. E desde que eu me lembre, o primeiro vestido que eu sugiro, é o que ela escolhe. Sempre fiz assim”. Durante a conversa, Solaine conta que tem guardado diversos modelos de vestidos confeccionados em um tecido mais simples, sem bordados, para que a noiva possa provar várias opções e escolher a melhor. Solaine informa, também, que nos dias atuais existem muitos modelos de vestidos pois as mulheres têm muita referência e informação e isso faz com que elas mudem de ideia constantemente, o que torna mais difícil a escolha do vestido. “Antigamente tínhamos um modelo que era mais tendência”- conclui.

Questionada sobre como ela se sente ao entregar o vestido pronto para a cliente, Solaine responde:

Eu me sinto realizada! Porque eu consigo surpreender a noiva. É muito raro a noiva não dizer que ficou melhor do que ela imaginou e eu acho isso muito importante: sempre entregar mais do que o cliente pede. É aí que *tá* o reconhecimento do teu trabalho. Isso vai tornar ainda mais especial o momento, que é um momento único. E cada entrega traz um tipo diferente de emoção (Trecho da entrevista com Solaine, em 05/09/2018).

E, finalizando nossa conversa, continuamos falando sobre momentos emocionantes e Solaine informa que um dos momentos que mais a deixou emocionada, em toda sua carreira, foi fazer o vestido de noiva da sua própria filha.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos realizados no presente artigo tiveram como principal objetivo perceber, através de pesquisas e entrevistas, as transformações dos vestidos de noiva, no decorrer dos anos e as causas que as provocaram. O vestido de noiva passou por modificações nas suas características iniciais com o passar dos anos, mas a sua essência permanece. Perceber esses aspectos proporcionou à autora ampliar seus conhecimentos neste ramo da moda, no qual apresentará o desenvolvimento de uma coleção de vestidos de noiva contemporâneos.

Com as informações obtidas por meio das entrevistas, foi possível perceber que cada história, apesar de ser totalmente diferente, única, trazia o mesmo sonho, sonho que continua real para muitas mulheres nos dias atuais. A realização das entrevistas foi muito gratificante

porque trouxe à tona memórias felizes que puderam ser compartilhadas. Desse modo, foi possível relacionar as histórias relatadas pelas entrevistadas com a pesquisa bibliográfica e de internet realizada anteriormente.

Ainda, com relação às entrevistas, percebeu-se que, embora a situação financeira e a classe social a que a pessoa pertence interferiram no modo de como se procedeu a escolha e a confecção do vestido, isso não interfere na satisfação e no grau de realização pessoal de cada noiva; esses sentimentos, sem a menor dúvida, têm tudo a ver com o jeito de ser de cada uma, com seu jeito de encarar a vida, com sua individualidade. O brilho nos olhos, ao relatarem as suas histórias e vivências, demonstra que aqueles momentos, referentes à escolha do vestido, foram momentos bons, de felicidade. E, hoje, fazem parte de uma saudade boa. Também, na entrevista com a estilista, foi possível notar que quem projeta, cria, desenha e confecciona o vestido, de certa forma, embarca nos sonhos de cada noiva, vive com ela as emoções, preocupações e ansiedades, procurando sempre dar o melhor de si para que os resultados alcançados sejam os melhores possíveis para ambas as partes.

A realização deste artigo foi uma grande oportunidade para agregar novos conhecimentos sobre vestidos de noiva que, até hoje, são uma tradição nos casamentos em todo o mundo. Foram apresentados diversos modelos de vestidos de noiva, com diferentes características, as quais retratam a realidade da época e cultura em que se inserem e muitas dessas características continuam atuais.

Acredita-se que, mesmo com a dificuldade de encontrar materiais bibliográficos, foi possível cumprir com o objetivo do presente artigo e que foi de grande importância para adquirir conhecimento, além de trazer satisfação ao relembrar memórias e sonhos realizados.

REFERÊNCIAS:

ANTENA YES. **A evolução dos vestidos de noiva**. 2016. Disponível em <http://yeswedding.uol.com.br/pt/antena-yes/a-evolucao-do-vestido-de-noiva> Acesso em 19 ago. 2018.

ARKUH, Daniel. **Ford Rural: conheça mais deste modelo histórico de força e sucesso!** 2017. Disponível em: <https://www.webclassicos.com.br/ford-rural/>. Acesso em: 07 nov. 2018.

BUSKO, Alessandra. **O vestido de noiva de Kaye Middleton**. 2011. Disponível em < <https://www.dicasdemulher.com.br/o-vestido-de-noiva-de-kate-middleton/>>. Acesso em 10 dez. 2018.

CONSTANCE; **O que é Scarpin?**. 2016. Disponível em: < <https://www.constance.com.br/dicas/o-que-scarpin> >. Acesso em 7 nov. 2018.

CRUZ, Luciana. **Movimento Hippie**. 2017. Disponível em < <http://knoow.net/historia/historiamundial/movimento-hippie/>>. Acesso em 21 set. 2018.

CUNHA, Renato. **Como nasceu o New Look criado por Christian Dior?**. 2016. Disponível em < <http://www.stylourbano.com.br/como-nasceu-o-new-look-criado-por-christian-dior/>>. Acesso em 21 set. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAMMES, Leticia. **A evolução dos vestidos de noivas no decorrer das décadas**. 2016. Disponível em < <https://universoretro.com.br/a-evolucao-dos-vestidos-de-noivas-no-decorrer-das-decadas/>>. Acesso em 16 set. 2018.

LISBOA, Giovanna. **Porque usamos branco? A história do vestido de noiva**. 2015. Disponível em < <https://www.inesquecivelcasamento.com.br/dicas-e-inspiracoes/moda-e-beleza/por-que-usamos-branco/>>. Acesso em 08 out. 2018.

MAHAWASALA, Samantha. **Os vestidos de noiva na história da moda em fotos originais**. 2015. Disponível em < <http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/os-vestidos-de-noiva-na-historia-da-moda-em-fotos-originais/>>. Acesso em 10 ago. 2018.

METZ, Cristian Leandro. **Uma deferência aos mortos de Osório/RS: a veste como objeto ritual e as memórias da prática do rito funerário da Coberta d'Alma**. 2016. 137 f. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) - Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2016 Disponível em: <<http://biblioteca.feevale.br/Dissertacao/DissertacaoCristianLeandroMetz.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

MITIDIARI, Ana Maria Amorim. Apud WINTER, Luciano Leonardo. **Vestido de noiva: tradição e contemporaneidade**. 2016. 101 f. Monografia (Conclusão do Curso de Moda) - Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2016 Disponível em: <<http://biblioteca.feevale.br/Monografia/MonografiaLucianoLWinter.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

OLEQUES, Liane Carvalho. **Art Déco**. 2018. Disponível em <<https://www.infoescola.com/movimentos-artisticos/art-deco/>>. Acesso em 21 set. 2018.

PINKNEST. **The Royal Rules Meghan And Harry Would Have To Follow Now That They Are Engaged**. 2011. Disponível em < <https://www.pinknest.in/blog/royal-rules-meghan-harry-follow-engaged>>. Acesso em 03 out. 2018.

PRIBERAM, Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em < <https://dicionario.priberam.org/>>. Acesso em: 04 out. 2018.

ROBINSON, Jeffrey. **Grace: a princesa de Mônaco**. São Paulo: LeYa, 2014.

SANA. 1947: **O New Look Dior**. 2013. Disponível em <<http://modahistorica.blogspot.com/2013/05/1947-o-new-look-dior.html>>. Acesso em 03 out. 2018.

SANTOS, Silvia. 2016. **Grace Kelly e Rainier do Mónaco: 60 anos de um amor eterno**. Disponível em < <https://www.movenoticias.com/2016/04/grace-kelly-e-rainier-do-monaco-60-anos-de-um-amor-eterno/>>. Acesso em 04 out. 2018.

STALDER, Erika. **Moda: Um curso prático e essencial**. Tradução: Maira Gonçalves Malosso. São Paulo: Marco Zero, 2009.

WEDDINGS (Temporada 1, ep. 1). **The Royals** [documentário]. Produção: Netflix, 2013. (45 min) son. , color.

THIOLLENT, Michel Jean-Marie. MICHELAT, Guy; MAÎTRE, Jacques; KANDEL, Liliane; BOURDIEU, Pierre. **Crítica metodológica, investigação social & enquête operária**. 2. ed. São Paulo, SP: Polis, 1981. 270 p.

VENTURA, Carla. **História do vestido de noiva**. 2016. Disponível em <https://www.doidaporroupa.com/historia-do-vestido-de-noiva/>>. Acesso em 10 out. 2018.

WORSLEY, Harriet. **O vestido de noiva**. Inspiração fashion para noivas e estilistas. Tradução: Dafne Melo. São Paulo: Publifolha, 2010.

YAMAOKA, Eloi Juniti. **O uso da internet**. In DUARTE, J. BARROS, A. Métodos e técnicas de pesquisas em comunicação. 2. Ed. – São Paulo: Atlas, 2006, p. 146 a 163.



UNIVATES

R. Avelino Tallini, 171 | Bairro Universitário | Lajeado | RS | Brasil
CEP 95900.000 | Cx. Postal 155 | Fone: (51) 3714.7000
www.univates.br | 0800 7 07 08 09